



32º CONGRESSO
DE SECRETÁRIOS
MUNICIPAIS DE
SAÚDE DO
ESTADO DE
SÃO PAULO

15ª Mostra de
Experiências
Exitosas dos
Municípios

8º Prêmio
David
Capistrano

"30 anos de SUS: SUStentabilidade para garantia do Direito à Saúde
Aumento do financiamento federal e estadual!"

Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas

A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE COM OS GRUPOS COMUNITÁRIOS NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO

Ana Cristina Justino Jacomo, Camila Caetano Dias, Edinalva Souza Barreto da Silva, Karen Batista, Marta Teresa Gueldini Linardi Bianchi, Talissa Daniele Tulimosky

1 Fundação Municipal de Saúde de Rio Claro - Fundação Municipal de Saúde de Rio Claro
Rio Claro

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

As políticas de saúde mental têm preconizado a descentralização de ações e investimento do cuidado psicossocial na atenção básica. Apesar disso, nota-se que as equipes de atenção básica se sentem despreparadas para desenvolver intervenções em saúde mental. Tais trabalhadores se queixam de reconhecerem o sofrimento psíquico da população e percebem a ausência de ofertas terapêuticas nos territórios. Entende-se aqui que o território não é apenas o local geográfico onde usuários e familiares residem, e sim um espaço existencial onde crescem, vivem, se relacionam, se reconhecem enquanto sujeitos, constroem sua subjetividade e também adoecem. Assim, é preciso promover espaços de atenção psicossocial comunitários numa metodologia de apoio que coresponsabilize tanto as equipes de atenção básica quanto as de saúde mental, superando os tradicionais encaminhamentos desimplicados e espaços institucionalizados de apoio matricial marcados por uma hierarquia de saberes. Desde fevereiro de 2017 o Programa Municipal de Saúde Mental de Rio Claro delineou um arranjo organizacional de equipes de psicólogos dos ambulatórios e dos CAPS realizarem Grupos de Apoio e Escuta na atenção básica. A intervenção representou um passo importante para a aproximação do Programa de Saúde Mental com Atenção Básica. Mas, identificou-se a necessidade de desenvolver uma clínica ampliada e compartilhada e assim, buscou-se formação nos Grupos Comunitários de Saúde Mental para o desenvolvimento de um trabalho territorial com sustentação teórica-metodológica. Em julho uma psicóloga do CAPS AD ingressou no curso de Aperfeiçoamento em Coordenadores de Grupos Comunitários de Saúde Mental oferecido pela USP e se refletiu sobre a importância da mesma atuar como uma multiplicadora no município. Na ocasião ocorriam 8 Grupos inspirados nos Grupos Comunitários de Saúde Mental em territórios diferentes e havia a necessidade de articular o projeto desenvolvido. Foi proposto o trabalho de Educação Permanente em Grupos Comunitários de Saúde Mental a fim de garantir um canal regular de comunicação entre os trabalhadores e alinhar a dinâmica dos grupos desenvolvidos na atenção básica.

OBJETIVOS

- Aplicar os preceitos da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde por meio da construção de espaços mensais de discussão e reflexão sobre os Grupos Comunitários de Saúde com todos os profissionais envolvidos nesse trabalho.



32º CONGRESSO
DE SECRETÁRIOS
MUNICIPAIS DE
SAÚDE DO
ESTADO DE
SÃO PAULO

15ª Mostra de
Experiências
Exitosas dos
Municípios

8º Prêmio
David
Capistrano

"30 anos de SUS: SUStentabilidade para garantia do Direito à Saúde
Aumento do financiamento federal e estadual!"

METODOLOGIA

Desde agosto de 2017 são realizadas reuniões periódicas na última quarta feira do mês com os trabalhadores. São convidados a também tomarem parte das aqueles que interessados em conhecer melhor a proposta. Participam profissionais do CAPS AD, CAPS 3, USFs e UBSs. É redigida uma ata para registro das memórias e deliberações do encontro e o local das reuniões costuma ser rodiziado, justamente para facilitar a circulação dos trabalhadores em vários territórios.

RESULTADOS

Em agosto foi realizada a 1ª reunião de EPS (Educação Permanente em Saúde) em Grupos Comunitários de Saúde Mental contando com representantes do CAPS AD, CAPS 3, USFs e UBSs de diversas categorias profissionais: psicólogos, terapeuta ocupacional, assistentes sociais, agentes comunitários de saúde, enfermeiros e auxiliar de Enfermagem. Nessa reunião foi possível o compartilhamento das experiências dos grupos em cada território, a expressão das ansiedades e expectativas dos trabalhadores e debatidas as dificuldades encontradas e suas possíveis estratégias de resolução. Observou-se que as primeiras reuniões de EPS eram marcadas por queixas da não adesão da população aos grupos devido à falta de apoio da UBS/USF. Atendentes que dificultavam o acesso aos prontuários, coordenadores que desconheciam a proposta e não viabilizavam a participação dos profissionais, estrutura física precária das unidades e expectativas da população e trabalhadores da atenção básica de psicoterapia individual. Com o tempo, as dificuldades se diluíram e os espaços de EPS se configuraram com outras discussões como: a organização de um sarau, de viagens para a USP em atividades didáticas e Encontro Anual de Grupos Comunitários em Saúde Mental, uma confraternização dos grupos comunitários de Rio Claro e a ampliação da cobertura para 2 novos territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão dos modelos assistenciais é importante, mas é necessário que as mudanças sejam trabalhadas processualmente e com a participação dos atores envolvidos, para que os mesmos tenham condições de se apropriar das novas práticas e exercer uma clínica ampliada e compartilhada. Esperar que a atenção básica sozinha exerça um cuidado em saúde mental parece ser um cenário muito distante da realidade das equipes, assim, é imprescindível que equipes da saúde mental se mobilizem para apoiar a atenção básica nas abordagens territoriais. O campo da saúde mental ainda é um terreno novo e desafiador para atenção básica e as reuniões mensais de EPS se mostraram como potente estratégia para trabalhar com tais dificuldades. Percebe-se que a adesão da população aos grupos comunitários é proporcional ao envolvimento dos trabalhadores e acreditamos que oferecer mensalmente um encontro entre os diversos atores envolvidos nesse processo sensibiliza os profissionais sobre seu papel e a qualidade assistencial, além de oferecer suporte de outros pares para dúvidas, conflitos e mitos envolvidos. Em síntese, a experiência de Rio Claro demonstrou que as reuniões de EPS têm o potencial de impactar na motivação dos trabalhadores no engajamento ao projeto, no alinhamento das propostas e na construção de espaços de escuta entre equipes que facilitam a



**32º CONGRESSO
DE SECRETÁRIOS
MUNICIPAIS DE
SAÚDE DO
ESTADO DE
SÃO PAULO**

15ª Mostra de
Experiências
Exitosas dos
Municípios

8º Prêmio
David
Capistrano

"30 anos de SUS: SUStentabilidade para garantia do Direito à Saúde
Aumento do financiamento federal e estadual!"

criação de práticas inovadoras. Além disso, as reuniões de EPS e os encontros dos grupos comunitários se configuram como espaços também de cuidado aos trabalhadores. Avaliamos que essas reuniões são fundamentais para o fortalecimento do trabalho e sugerimos que gestores considerem em suas agendas a sistematização de espaços de EPS que propiciem reflexão crítica dos trabalhos empreendidos.